



SOU MACHO E CURTO NO SIGILO: A SIGNIFICAÇÃO DO DESEJO DISSIDENTE E DA MASCULINIDADE NO GRINDR E NO JORNAL O LAMPIÃO DA ESQUINA

Anderson Lins¹

Alexandre Ferrari²

Filipe Lopes da Silva³

Eles me fizeram esta pergunta, que depois repeti para mim mesmo, incansavelmente, por meses, anos, *Você que é o viado?* Ao fazerem a pergunta, eles a gravaram em mim para sempre como um estigma, as marcas que os gregos faziam com ferro quente ou faca no corpo dos indivíduos desviantes, perigosos para a comunidade. Impossível me livrar daquilo. Fui atingido pela surpresa, mesmo não sendo a primeira vez que me diziam algo parecido. A gente não se acostuma nunca com a injúria (Louis, 2025, p. 10).

Os aplicativos de encontros entre homens que fazem sexo com homens, com destaque para o Grindr, configuram um espaço em que o dizer sobre si se faz atravessado por marcas identitárias, regimes de visibilidade e disputas em torno do reconhecimento. O Grindr emerge em uma temporalidade digital marcada por novas formas de exposição e regulação dos afetos, em que o dizer-se é condicionado por dispositivos técnicos e simbólicos. O aplicativo geolocalizado, que funciona como uma rede social e se propõe a favorecer encontros e interações sexo-afetivas, longe de ser uma vitrine neutra, é constituído por regularidades discursivas que atualizam sentidos historicamente estabilizados sobre desejo, corpo e performatividade de gênero (Butler, 2018). Os perfis se enunciam por meio de categorias que delineiam o que se deseja, o que se recusa e o que se aceita mostrar e ver. Enquanto materialidade digital, dispõe de filtros e de categorias que facilitam a recorrência de certas formulações e apagam outras.

Nas formulações mais frequentes, destacam-se o uso das denominações: sigilo, discreto, ativo, macho, procuro semelhantes, não curto afeminados. O *macho-discreto-que-curte-no-sigilo-e-recusa-afeminados* (se) diz a partir de uma posição-sujeito que dá lugar à memória (Pêcheux, 2007) de uma significação interdita da sexualidade entre homens, associada à feminilidade ou à desconfiança. Em

¹ Professor Adjunto de Língua Portuguesa e Linguística do Curso de Letras da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) em Regime de Dedicação Exclusiva. Atua no Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagens e Representações da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). Líder do grupo de pesquisa Núcleo Unificado em Dissidências, Ensino e Sexualidades (NUDES) e do Discurso e Tensões Raciais (DTER). Doutor em Letras pela Universidade Federal de Pernambuco (2021).

² Possui graduação em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1989), mestrado em Letras pela Universidade Federal do Paraná (1999) e doutorado em Letras pela Universidade Federal Fluminense (2006). Atualmente é professor associado da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, professor associado c da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, professor associado C da Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Análise do Discurso, atuando principalmente nos seguintes temas: discurso jornalístico alternativo e digital, discurso jornalístico, efeito de sentido, sexualidade. Bolsista de Produtividade PQ2.

³ Estudante de Graduação do Curso de Letras da UEPB.



outras palavras, materializa a circulação de sentidos que remonta a uma moralidade cisgênera e heterocentrada na enunciação do desejo, convocando uma significação do perigo de se expor e da vergonha como inscrição subjetiva. Ainda que pronunciado em uma plataforma digital contemporânea, esses dizeres reinscrevem marcas de um passado que insiste em ressoar, afinal não é de hoje que, na relação de busca por parceiros do mesmo gênero, instauram-se sentidos que produzem corporeidades (im)possíveis e desejos (i)negociáveis.

Nas décadas de 1970 e 1980, nos classificados de busca de parceiros sexuais do Jornal O Lâmpião da Esquina, já circulavam denominações que tangenciavam (re)produções simbólicas da masculinidade e do desejo. O jornal brasileiro nasceu no contexto de imprensa alternativa, de modo que se inscrevia nas condições de produção de plena abertura política, com linha editorial voltava-se às minorias e quando o discurso sobre a homossexualidade buscava se legitimar publicamente. Objetivando dar mais visibilidade social ao público gay, também ousou, ao abordar temas polêmicos e ao publicar interações sexo-afetivas entre homens. É o primeiro jornal feito por e para homossexuais que circulou nacionalmente entre abril de 1978 a julho de 1981.

A enunciação no Lâmpião se dirigia a uma coletividade que buscava reconhecimento e visibilidade, enquanto no Grindr o endereçamento se orienta para a seleção, a filtragem e a performance de si. Cada materialidade convoca diferentes modos de circulação e diferentes interlocuções imaginárias. A produção de um efeito discursivo, portanto, depende do modo como o sujeito se posiciona diante dessas formações sociais e tecnológicas, que delimitam as fronteiras entre o público e o privado, entre o que pode e o que deve ser mostrado.

O que se diz no Grindr e no Lâmpião da Esquina, contudo, não é indiferente à maneira como os sujeitos moldam a esfera dos afetos e determinam condições para a seleção de parceiros. O sujeito enunciativo é convocado a se mostrar, mas também a se proteger; a se afirmar, mas também a se adequar. Nessa relação, os sentidos se condensam e se dispersam, delimitando o que pode ser dito e reconhecido na encenação do gênero e na enunciação do desejo⁴.

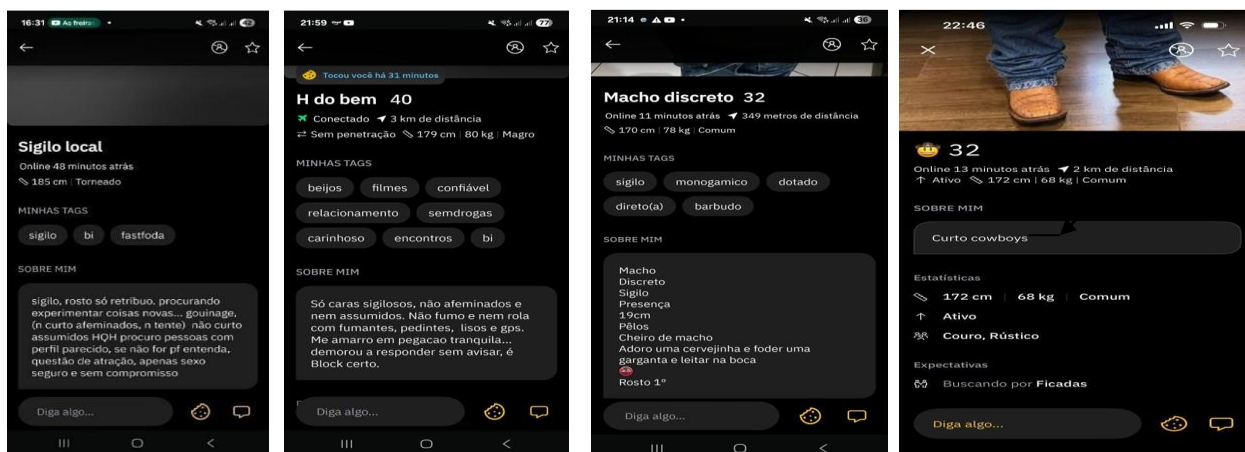
Em nosso movimento de ingresso-confronto com o material de análise, na perspectiva de compreender os modos de (se) dizer no gênero/na masculinidade e no desejo/na sexualidade dissidente, nos deparamos com um funcionamento discursivo caracterizado pelo acréscimo contingente (Haroche, 1992) de repetição de palavras que, reiteradas à exaustão, tangenciavam efeitos de estabilização e legitimação de sentidos em detrimento de outros. Há a incidência de aproximadamente 217 menções de sintagmas como: sigilo / sigiloso – discreto – macho / masculino / másculo – não afeminado – sem pinta – sem não assumido – confiável / confiante – amizade – músculo / musculação / atlético / exercício [físico] nos 108 prints de tela do app Grindr e nos 76 recortes das seções dos classificados do Lâmpião (Cartas na Mesa e Troca-Troca). “E aqueles que praticam a análise de discurso sabem que não se deve negligenciar

⁴ Muito longe de uma compreensão inata, biologicista e atemporal, mas por nós compreendido a partir de uma perspectiva que defende esse objeto como social e discursivamente construído.



uma palavra a mais. Uma palavra a mais pode desatar nós, desmontar tramas, reconfigurar o que parecia consolidado. Uma palavra a mais, sozinha ou em série, pode abrir novos caminhos” (Barbosa Filho, 2025, p. 22).

Do Grindr ao Lampião da Esquina⁵, o excesso dessas ocorrências “[...] constituem-se em ‘acréscimo necessário’ ao sujeito que visa garantir a estabilização de determinados efeitos de sentido em vista da iminência (e perigo) de outros a esses se sobreporem” (Ernest, 2009, p. 4) na disputa pela modelação da masculinidade e do desejo entre homens. Dizendo de outro modo, nas condições de formulação sobre como o sujeito se diz e como apresenta a gramática do desejo dissidente, instauram-se designações hegemônicas da masculinidade que funcionam pactuando a ordem da performatividade de gênero e a ordem da sexualidade “possível” entre iguais, senão vejamos alguns dos materiais analisados:



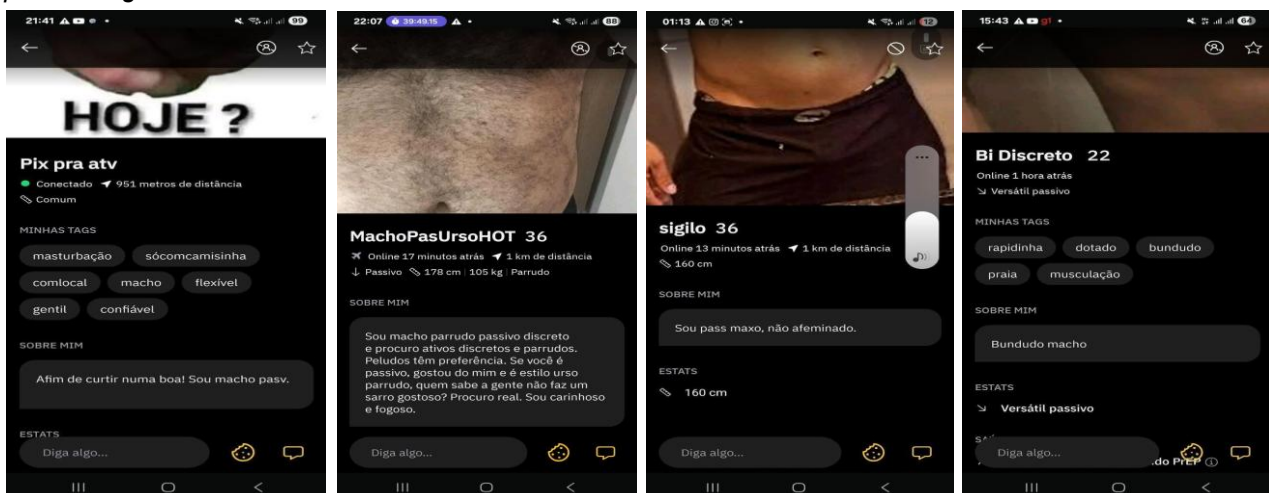
⁵ O arquivo com os materiais foi montado por textos de O Lampião (1978 a 1981) e do Grindr (2024 a 2025).



Essas designações, horizontalizadas no nível do intradiscurso, mais do que codificar a experimentação da sexualidade entre homens, atuam como indexadores de sentidos que controlam e regulam os regimes de enunciação do que pode ser dito, exibido e rejeitado. Não se trata, portanto, de na tentativa de montar pares sintagmáticos oposicionais (discreto x indiscreto, sigilo x expresso, macho x afeminado), apenas convocar a contraparte dos sentidos que não foi verbalizada, mas interrogar a opacidade que comparece nessas formulações: discrição em relação ao quê, como, por quê, para quê? Sigilo(oso) quando, para quem, onde, por quê?

Recuperar o que não foi dito, o exterior linguístico, aquilo que falta no excesso (e todo excesso esconde faltas...), pode nos ajudar a compreender que a incessante reiteração de determinados saberes interdiscursivos pode assumir formas e formulações diferentes no fio do intradiscurso, mas mantém as mesmas premissas ideológicas que visam ao estabelecimento de um paralelismo remissivo de sentidos, ou seja, até pode desejar outro homem (cisgênero), desde que performe uma masculinidade insuspeita, que não os denuncie como gays no espaço público.

Outra regularidade que constitui esse cruzamento do dizer de si e do dizer do desejo é o movimento de justaposição de denominações que funciona para encobrir pressupostos ideológicos que ameacem o imperativo da desejável masculinidade. Instados a se viabilizarem como corporeidades eróticas na economia dos prazeres e dos afetos, os sujeitos que se identificam como passivos são encurralados a assim se designarem e não desmantelarem o pacto masculinista do desejo entre homens. Repare, nos materiais a seguir, que, ao mesmo tempo em que se diz passivo, o sujeito também se reivindica, numa tensa relação de equivalência de sentidos, *passivo-macho*, *passivo-discreto*, *passivo-não afeminado*, *passivo-sigiloso*:





ALTO, 30 anos, não fêlo de todo, moreno, culto, curto música brasileira e latino-americana, cinema em geral, discreto e passivo. Procuro alguém que me agrade no visual e esteja a fim de se encaixar nestas minhas limitações. Roberto Silva — Cx. Postal 7565 — São Paulo-SP — CEP: 01.000.

HOMENS MADUROS — Moreno claro, 29 anos, 1,80m, 85 kg, cabelos e olhos castanhos, simpático, amante de livros e músicas, procura contatos com homens maduros, entre 35 e 60 anos, charmosos e ativos, para amizade e transas. Sigilo absoluto. Marcelo — Cx. Postal 2168, Londrina, PR. CEP: 86.100.



Essa demanda pela significação de uma passividade-viril conflagra a marcação de uma possível insegurança da performatividade masculina e passiva que, nessas condições, reconfigura-se, buscando se distanciar de uma memória da feminização. Dizendo de outro jeito, a significação do feminino passivo, dócil e delicado espreita, ronda, ameaça a pretensiosidade masculinista e, por isso, a contiguidade dessas nomeações como efeito de um funcionamento discursivo que expõe o perigo do conflito entre formações discursivas.

Tomando Butler (2018), compreendemos que a masculinidade se constitui na e pela linguagem, como efeito repetido de normas sociais. No Grindr, como estamos vendo, o corpo é enunciado por meio de categorias que performam o gênero e o desejo — o ativo, o passivo, versátil, discreto — e, ao mesmo tempo, o sujeito é entrincheirado e levado a um jogo de negociação subjetiva entre se dizer passivo e distanciar-se dos sentidos feminis. E assim o faz reafirmando os indexadores da masculinidade hegemônica. No Lampião, os textos e anúncios também repetem gestos discursivos que reforçam ou desafiam essas mesmas normas.

A masculinidade aparece, então, como um campo de disputas simbólicas onde o reconhecimento depende da adesão, ainda que parcial, ao que é socialmente legitimado. O discurso da dissidência, contudo, não escapa à regulação. A linguagem que ensaia um distanciamento do hegemônico acaba, em parte, reproduzindo-o, uma vez que o sujeito é constituído nas próprias normas que deseja deslocar. A performatividade se torna, assim, lugar de tensão: é ali que o sujeito afirma sua diferença e, ao mesmo tempo, reencontra as marcas que o limitam: *macho-passivo – discreto – cheiro de macho – Só caras sigilosos – não afeminados – não assumidos – procuro perfil semelhante – pelos – barbudo*.

Esse vocabulário masculinista atualiza memórias de uma sexualidade vivida sob o refúgio do segredo, do medo, da vergonha. Essas formulações não são novas; são retomadas, ressignificadas e



repetidas sob outras condições históricas. Elas fazem ressoar sentidos que atravessam décadas, desde os anúncios de encontros no Lampião da Esquina até as descrições fragmentadas dos perfis digitais. Em ambos os casos, o sujeito é atravessado por uma memória social que define o que pode ser reconhecido como desejável.

O passado não desaparece, ele retorna no presente discursivo. Quando Pêcheux define a memória discursiva como o eixo que articula o dizer atual com o já-dito, sustentando os implícitos e pré-construídos necessários à interpretação, entendemos que cada perfil, cada anúncio e cada gesto de exposição carrega as marcas de uma história de exclusões e tentativas de afirmação. A leitura do Grindr e do Lampião permite compreender como os sentidos da masculinidade e do desejo entre homens se reorganizam e, contraditoriamente, permanecem ancorados em uma herança simbólica que resiste à transformação.

Em ambos os materiais é possível compreender como a interpelação ideológica antecipa o dizer, impondo formas de reconhecimento e de exclusão. Pensar a memória discursiva é compreender que o discurso não nasce no instante da enunciação, mas é atravessado valores e formas simbólicas que o antecedem. Essa herança discursiva delimita os sentidos possíveis para o corpo e para o desejo.

Enfim, ao enunciar-se, o sujeito já é tomado por categorias que o nomeiam e o classificam, de modo que o seu dizer é sempre atravessado por aquilo que a ideologia instituiu como natural. Assim, o discurso do Grindr e o do Lampião compartilham a presença desse sempre já-aí que orienta o dizer e define o campo das identificações. O desafio está em compreender como, entre o Lampião e o Grindr, a linguagem reinscreve e mobiliza as formas de inteligibilidade de gênero e do desejo, nos indicando que o reconhecimento do outro e de si mesmo é sempre parcial, precário e político.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA FILHO, Fábio Ramos. **O que é Análise de Discurso?** Porto Alegre: CirKula, 2025.
- BUTLER, J. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.
- HAROCHE, Claudine. **Fazer Dizer, Querer Dizer**. São Paulo: Editora Hucitec, 1992.
- LOUIS, Édouard. **O fim de Eddy**. 1 ed. São Paulo: Todavia, 2025.
- ORLANDI, Eni. **Discurso e Texto**: formulação e circulação dos sentidos. Campinas: Pontes, 2008.
- PÊCHEUX, Michel. Papel da memória. In: ACHARD, Pierre *et al.* **Papel da memória**. 2. ed. Campinas: Pontes, 2007.
- PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. 5. ed. Campinas: Editora da Unicamp, [1988] 2014.